



## **Apresentação: A figura de Lúcifer nas múltiplas linguagens da arte**

Michel Goulart da Silva<sup>1</sup>

Possivelmente Lúcifer é uma das figuras mais controversas de todos os tempos, mesmo sendo um personagem fictício, mencionado em narrativas há milênios. Essa longa trajetória de representações faz com que sua figura tenha ganhado as mais variadas interpretações, não apenas literárias e audiovisuais, mas também políticas. Concretamente, para a maior parte das culturas que incorporaram ao seu imaginário figura de Lúcifer – mesmo com outros nomes, como Satã ou Diabo – essa é uma personificação do Mal. No entanto, é preciso ter em mente que se está falando de uma construção cultural, sendo possível afirmar que “o Diabo é o que a história deste conceito é. Nada mais sobre ele pode ser conhecido. A história do conceito de Diabo revela tudo o que pode ser conhecido sobre o Diabo, e esta é a única forma pela qual pode ser conhecido em sua totalidade” (RUSSEL, 2003, p. 20).

Os estudos sobre o Diabo apontam que, embora apareça em narrativas religiosas anteriores à Idade Média, é nesse período que sua figura ganha maior destaque. Segundo Pagels (1996, p. 15), se referindo às descrições sobre anjos, “embora eles apareçam com frequência na Bíblia Hebraica, Satanás, ao lado de outros anjos caídos, ou seres demoníacos, era virtualmente ignorado”. Outros estudos também apontam que “Satã pouco aparecia na arte cristã primitiva e os afrescos das catacumbas tinham-no ignorado” (DELUMEAU, 1993, p. 239). Os séculos XI e XII que veem produzir-se no Ocidente o que o historiador J. Le Goff chamou de “explosão diabólica” (DELUMEAU, 1993, p. 239). No século XIII assiste-se “a uma sistematização dogmática das ideias esparsas e contraditórias sobre a figura do Diabo” (NOGUEIRA, 2012, p. 105).

Nos séculos seguintes houve um aprofundamento dessas representações negativas do Diabo, abrindo espaço para “um alucinante conjunto de imagens infernais e a ideia fixa das incontáveis armadilhas e tentações que o grande sedutor não cessa de inventar para perder os humanos” (DELUMEAU, 1993, p. 240). Nesse período há por parte da Igreja um processo consciente de criação da imagem de um inimigo imaginário, que encarna o Mal e, por isso, deve ser combatido. Segundo Delumeau (1993, p. 239), “a emergência da modernidade em nossa Europa ocidental foi acompanhada de um inacreditável medo do diabo. A Renascença herdava seguramente conceitos e imagens demoníacas que se haviam definido e multiplicado no decorrer da idade Média”.

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atua no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC).

Embora chegando à Modernidade cheio de representações negativas, Lúcifer começa a ganhar aos poucos interpretações alternativas. O texto mais conhecido desse processo talvez seja o poema épico *Paraíso Perdido* (1667), de John Milton. Essa obra clássica enfatiza a faceta rebelde de Lúcifer, em seu embate com Deus. Embora não chegue a fazer uma apologia da rebelião contra a opressão, Milton parece ter certa simpatia pelas várias possíveis facetas da figura de Lúcifer, chegando a colocar em sua boca uma fala impactante: “Melhor reinar no inferno que no Céu servir” (MILTON, 2016, p. 55).

Goethe, no final do século XVIII, apresenta uma representação ainda mais complexa à figura do Diabo. Sendo uma obra sobre o processo de modernização, Mefistófeles é como se fosse uma figura que apoia Fausto nesse “desejo de *desenvolvimento*” (BERMAN, 2003, p. 45). O processo é cheio de contradições, no qual Fausto deseja para si mesmo “um processo dinâmico que incluiria toda sorte de experiências humanas, alegrias e desgraça juntas, assimilando-as todas ao seu interminável crescimento anterior” (Berman, 2003, p. 46). Nesse processo complexo,

Fausto precisará abarcar toda uma nova série de paradoxos cruciais para a estrutura tanto da psicologia moderna como da moderna economia. O Mefistófeles de Goethe se materializa como o grande mestre desses paradoxos – uma versão moderna e complicada de seu papel cristão tradicional como o pai das mentiras (Berman, 2003, p. 53).

Embora essas mudanças nas representações difundidas, a figura de Lúcifer ganha uma virada mais profunda somente no século XX. Com a sistematização do ideário satanista, por Anton LaVey, com sua *Bíblia Satânica* (1969), a figura de Lúcifer assume outra representação: a do livre arbítrio. Numa filosofia que se coloca abertamente como anticristã, Satã é a metáfora para uma perspectiva que pretende superar as amarras religiosas. Em certo momento da obra, o autor afirma:

Nenhum credo deverá ser aceite com base em autoridade de natureza “divina”. As religiões deverão ser questionadas. Nenhum dogma moral deverá ser tomado por certo, nenhum padrão de medida deificado. Não há nada inerentemente sagrado nos códigos morais. Tal como os ídolos de madeira há muito, eles são o trabalho de mãos humanas e aquilo que o Homem construiu, o Homem poderá destruir! (LAVEY, p. 2010, p. 44-45).

O auge da virada nas representações sobre Lúcifer se dará com chegada das novas possíveis interpretações de sua figura na cultura de massas. Ainda hoje sejam feitos filmes e outras obras que priorizaram a representação de Lúcifer como encarnação do Mal, como no caso do policial *Coração satânico* (1987), que prioriza a faceta do Lúcifer mestre da mentira. Contudo, há obras com interpretações alternativas que vem ganhando o grande público.

O efeito mais significativo dessa inserção de novas facetas de Lúcifer possivelmente ocorre na música, por meio de um estilo criado dos anos 1960. O *heavy metal* nasce como uma representação de rebeldia, bastante associado a uma juventude operária sem perspectivas diante da Guerra do Vietnã. Pode-se afirmar que o Diabo,

como símbolo da rebeldia, é a melhor imagem para representar essa imagem de rejeição às regras e, por estas canções, pode-se ver que sua caracterização é reconstruída de várias maneiras, desde o anjo decaído ao ser grotesco e bestial, ou ainda detentor do conhecimento e da liberdade (FRANZ, 2012, p. 163).

O auge da combinação entre satanismo e *heavy metal* se daria por meio da banda dinamarquesa Mercyful Fate. O álbum *Melissa* (1983) faz claras menções à filosofia satanista, colocando em cena não apenas Lúcifer, mas também as figuras que os seguem, como as bruxas. Embora de duração curta, essa ligação da banda com o satanismo, ainda que de forma menos clara, se manifestaria frequentemente na carreira solo do líder da banda, o músico conhecido como King Diamond.

Essa chegada de Lúcifer à cultura de massas ganha seu auge associado à figura de Neil Gaiman. Inserido no universo *Sandman*, o mais famoso do escritor, Lúcifer mostra-se com uma faceta complexa e bastante diferente da dualidade oriunda do pensamento cristão. Essa figura criada por Gaiman se tornou ainda mais complexa com a estreia da série de televisão, que trouxe um personagem que é capaz de se humanizar com a convivência na Terra. Na série há uma clara mensagem de que Lúcifer não é o criador do Mal, que foi uma figura injustiçada ao longo de milênios e, principalmente, que somente assumiu o posto de torturar pecadores por imposição de seu pai, que é Deus.

O presente dossiê procura refletir sobre essa figura controversa, mostrando, entre outras coisas, como as figurações de Lúcifer tem relação com as contradições e lutas simbólicas de cada época concreta. Os textos aqui reunidos, sem lançar juízo de valor ou fazer críticas morais, partem de análises objetivas das representações e das realidades que as produziram, mostrando a multiplicidade de Lúcifer.

## **Bibliografia**

- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- FRANZ, Jaqueline Pricila dos Reis. O Diabo é o pai do rock: a imagética do Mal na música estrangeira. In: FERRAZ, Salma (org.). **As malasartes de Lúcifer**. Londrina: UEL, 2012.
- LAVEY, Anton Szandor. **A bíblia satânica**. Parede: Saída de emergência, 2010.
- MILTON, John. **Paraíso Perdido**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. O Diabo sem Fausto: as mazelas do tentador nos trópicos. In: FERRAZ, Salma (org.). **As malasartes de Lúcifer**. Londrina: UEL, 2012.
- PAGELS, Elaine. **As origens de Satanás**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- RUSSEL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras, 2003.